



ENTREVISTA
IVO PERELMAN

JAZZ
BRINCAR
COM O NOVO

O seu «material de criação» é o «momento presente». Quem o afirma prontamente é Ivo Perelman, saxofonista brasileiro, sito em Nova Iorque, que celebra esse «agora» traduzido em 20 anos de carreira. E foram recentemente editados nada mais, nada menos do que cinco álbuns – um deles duplo – que vêm realçar esta celebração. Os seus 20 anos de carreira e os cinco álbuns são apenas números ao acaso. «Uma coincidência», como diz. Os discos foram sendo gravados e só recentemente houve a oportunidade de editar.

82.87

ENTREVISTA SOFIA FREIRE
FOTOGRAFIAS PETER GANNUSHKIN
downtownmusic.net

MAGNÉTICA





ENTREVISTA IVO PERELMAN



Dominic Duval, o contrabaixista que tem vindo a acompanhar Perelman nestes últimos 13 ou 14 anos, marca também a sua presença nesta "rajada" de criação que nos chega agora ao mercado, nomeadamente em MIND GAMES e NEAR TO THE WILD HEART. Curiosamente, gravaram, pela primeira vez, sem nunca terem tocado juntos com a ideia de ouvirem a gravação para prepararem um projecto. Mas o resultado à partida foi tão surpreendente para ambos que esse primeiro encontro resultou na edição do álbum SEEDS (VISION AND COUNTERPOINT), pela Leo Records, em 1998. Em conversa com a MAGNÉTICA, Ivo Perelman fala-nos deste «entendimento muito parecido» que há entre os músicos: «O Dominic é um caldeirão de elementos muito rico e polimórfico. Ele tem muitas referências e não foge a tradicionalismos, como o cancionero norte-americano, por exemplo». É precisamente esta riqueza que Perelman procura na música que faz – a capacidade de explorar todos os compartimentos musicais instalados no seu cérebro, que fazem parte da sua formação, da sua aprendizagem e da sua perpétua pesquisa de formas de expressão. E, incontornavelmente, pô-los à prova no instante, no «momento espontâneo». Nas suas palavras, «esse tipo de atitude desencadeia um processo

psíquico muito forte. É preciso estar-se aberto para a retratação verdadeira do momento, do agora». É precisamente este "tipo" de música que Perelman procurava quando foi para os Estados Unidos para explorar novas ideias, novas linguagens que lhe iam surgindo no espírito. Foi em Los Angeles que gravou o seu primeiro disco, IVO, pela ITM Records, em 1989. No ano seguinte, encontrou em Nova Iorque o «paraíso», o palco ideal para o tipo de música que queria tocar e que no Brasil ainda não tinha tido a oportunidade de descobrir. Como diz: «na altura, pulava de galho em galho». Entre os vários estilos de música que tocava, desde chorinho, carnaval brasileiro, bossa nova, samba, rock, com os mais variados instrumentos, como violoncelo, bandolim, violão clássico, acabava por não se estabelecer em nenhum tipo de grupo. Hoje, «essa inquietação» faz parte da sua linguagem, da sua «mente inquisidora», sempre em busca de «novas harmonias, regiões distantes do cérebro imaculadas pelo tempo». É nesta continuidade que estes cinco álbuns acabados de sair expressam uma longa pesquisa ao longo dos anos, como o próprio afirma: «Quem ouvir estes CDs vai ter uma história contada dos meus 20 anos, absorvendo muitas

influências, satisfazendo uma curiosidade lúdica, infantil – eu quero brincar com o novo!». MIND GAMES é o título que “abre” esta torrente de criatividade, com o contrabaixista Dominic Duval e Brian Willson na bateria marcando um groove bem vincado, duro, físico. É particularmente este instrumento que desperta em Perelman o seu lado «mais instintivo, animal». Apesar de todos os seus discos terem «personalidades bem vincadas» e demarcarem as várias facetas do saxofonista, é esta linha mais rítmica, exalando um tom de corporalidade e até alguma agressividade que atravessa também o seu trabalho em THE STREAM OF LIFE, com o baterista Brian Willson e THE APPLE IN THE DARK, todos da Leo Records, este último com o particularmente brilhante Gerry Hemingway na bateria. Neste álbum e sempre a pôr a sua elasticidade musical à prova, Perelman alterna entre o saxofone tenor e o piano. É interessante como a sua expressão, a sua técnica, os seus recursos mudam consoante o instrumento que toca, expondo mais uma vez o seu léxico musical interminável. Numa linha mais poética, ou mais introspectiva, Perelman continua a optar por uma formação de grupo pequena, entre

o duo e o trio, como nos restantes discos: NEAR TO THE WILD HEART, com Rosie Hertlein (violino) e Dominic Duval (baixo acústico), da Not Two, e SOULSTORM, um disco duplo da Clean Feed, com Daniel Levin (violoncelo) e Torbjörn Zetterberg (contrabaixo). Uma das suas «ferramentas» de criação é alterar a formação do grupo. Como explica, «novos elementos proporcionam uma estrutura de princípio». Como assim acontece nestes dois últimos álbuns, em que as cordas proporcionam o surgimento de um universo muito particular, como diz Perelman: «Lírico e contemplativo, como se estivesse contando histórias, desenrolando uma descrição pictórica. Adoro violoncelo. Fico emocionado e dá nisso». Penetrante e profundo, sempre explorando os «compartimentos da criatividade», não foge, por vezes, a um certo romantismo, mas sem cair em qualquer tipo de melodrama. Daqui a um mês, quem sabe... mas neste momento esta é a direcção que o saxofonista está a tomar, como o próprio assume: «Estou a caminhar para uma introspecção maior. Procuo novas paletas, nuances subtis. Antes não estava preparado para apreciar a beleza, um toque doce, pianísimos... Mas o lado animal está lá!». ▼



ENTREVISTA IVO PERELMAN



WWW.IVOPERELMAN.COM